



Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Cultural immersion and bahian literature: experiences in basic education

Maria Jade Pohl Sanches¹

Fernando Russo Costa do Bomfim²

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência sobre um evento cultural realizado em 2024, em uma escola privada de Salvador, no qual os alunos foram convidados a explorar temas relacionados à identidade cultural e histórica da Bahia. O quarto ano, em particular, trabalhou o tema “Literatura Baiana”, com ênfase em questões como a escravidão, o cinema, o folclore e a obra de escritores negros e mulheres escritoras. Ao longo de cinco meses, os estudantes participaram de atividades de pesquisa, promovendo o fortalecimento do pertencimento cultural e a valorização da diversidade local. A partir de uma abordagem qualitativa e descritiva, o estudo evidencia a relevância de práticas pedagógicas que aproximam os alunos de suas raízes culturais, tornando o aprendizado mais significativo e estimulando um olhar crítico sobre sua história e realidade social.

Palavras-chave: Literatura Baiana. Identidade Cultural. Pertencimento Cultural. Diversidade.

Abstract: This article presents an experience report on a cultural event held in 2024 at a private school in Salvador, where students were invited to explore themes related to Bahia's cultural and historical identity. The fourth grade, in particular, worked on the theme "Bahian Literature," with an emphasis on issues such as slavery, cinema, folklore and the works of Black writers and women writers. Over five months, students participated in research activities, promoting a stronger sense of cultural belonging and the appreciation of local diversity. Through a qualitative and descriptive approach, the study highlights the relevance of pedagogical practices that bring students closer to their cultural roots, making learning more meaningful and encouraging a critical perspective on their history and social reality.

Keywords: Bahian Literature. Cultural Identity. Cultural Belonging. Diversity.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia- UFBA. ORCID: [0000-0002-4977-8521](https://orcid.org/0000-0002-4977-8521) - E-mail: jade.pohl.sanches@gmail.com.

² Doutor em Ciência Cirúrgica Interdisciplinar pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. ORCID: [0000-0002-2614-3603](https://orcid.org/0000-0002-2614-3603) - E-mail: fernando_bomfim@live.com.



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

Introdução

A escola, como um espaço fundamental de formação, configura-se como um ambiente privilegiado para a construção da identidade cultural, especialmente em um estado como a Bahia, cuja diversidade sociocultural e histórica é marcante. Nesse sentido, surgiu a pergunta norteadora: como a literatura pode ser um instrumento potente para fortalecer o vínculo das crianças com suas raízes culturais e, ao mesmo tempo, ampliar seu olhar crítico sobre a sociedade em que vivem?

Foi a partir desse questionamento que se desenvolveu um projeto pedagógico com uma turma de 10 estudantes do quarto ano do ensino fundamental, em uma escola particular de Salvador, Bahia. A instituição, reconhecida por sua proposta pedagógica que valoriza a interdisciplinaridade e a aprendizagem por meio de experiências concretas, está situada em um contexto urbano rico em diversidade cultural. Com essa iniciativa, buscou-se fortalecer o vínculo dos alunos com suas raízes e incentivar o reconhecimento e a valorização da identidade cultural baiana.

O ponto de partida para a iniciativa surgiu da constatação de que muitas crianças demonstravam pouco conhecimento sobre a literatura baiana e declaravam preferência por obras de outras regiões, especialmente do Sudeste. Diante desse cenário, o projeto visou ampliar o repertório cultural dos estudantes e promover uma experiência de imersão nas produções literárias locais.

O projeto foi desenvolvido de forma interdisciplinar, articulando saberes de diferentes áreas do conhecimento, com destaque para a Língua Portuguesa, Artes e História. No componente de Língua Portuguesa, conforme orientações da BNCC (Base Nacional Comum Curricular, MEC, 2017), foram mobilizadas competências e habilidades voltadas à leitura, interpretação e apreciação de textos literários, especialmente os que dialogam com a cultura local. A proposta envolveu o trabalho com obras da literatura baiana, permitindo às crianças do quarto ano ampliar seu repertório e desenvolver a competência leitora a partir de textos que refletem suas identidades regionais. Dentre as habilidades previstas, destacam-se a *EF15LP18*, que propõe “estabelecer relações entre textos literários e a cultura local e regional”, e a *EF15LP20*, que incentiva a “escuta, leitura e fruição de diferentes gêneros literários, com atenção especial à literatura infantil”.



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

brasileira, incluindo autores e autoras de diferentes regiões e contextos socioculturais". Ao mesmo tempo, foram integrados elementos de Artes, com produções visuais inspiradas nos textos trabalhados e de História, ao abordar questões de memória, ancestralidade e identidade cultural baiana. A interdisciplinaridade, nesse caso, permitiu que os alunos compreendessem a literatura como uma expressão viva de sua própria história e cultura.

Dessa forma, o projeto se fundamentou no entendimento de que a literatura não apenas reflete a sociedade, mas também atua ativamente na construção da consciência coletiva. Como destaca Cândido (1995), a literatura é um instrumento fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e da identidade cultural. Já Zilberman (2003) salienta o papel da literatura infantil e juvenil nesse processo, fornecendo às crianças elementos de reconhecimento e valorização de sua história e origem.

Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida como um relato de experiência, abordagem que, segundo Aquino (2018), reconhece a prática educativa como um espaço de produção de sentido, onde a escuta, o afeto e o contexto ganham centralidade no processo formativo. Essa perspectiva valoriza a experiência vivida como fonte legítima de conhecimento, destacando o caráter subjetivo, reflexivo e transformador das ações pedagógicas. Assim, enfatiza-se a importância da vivência direta e situada como elemento essencial para a aprendizagem e para a construção de práticas mais comprometidas com a realidade dos estudantes.

O projeto, estruturado ao longo de cinco meses, foi dividido em etapas que favoreciam a imersão na literatura baiana. Inicialmente, os alunos realizaram pesquisas e estudos sobre autores locais, como Jorge Amado (2001), Myriam Fraga (2008) e Castro Alves (2004), estabelecendo conexões com as tradições culturais da Bahia. Em seguida, participaram de oficinas criativas, leituras dramatizadas, produção de materiais visuais e audiovisuais, além de debates sobre temas como resistência cultural e memória coletiva. Essas atividades culminaram na produção de textos autorais, ilustrações, apresentações teatrais e vídeos, que foram exibidos em um evento cultural aberto à comunidade escolar.

Os resultados do projeto demonstraram um impacto significativo na formação dos alunos. Além de aprofundarem seu conhecimento sobre a cultura baiana, as crianças



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

desenvolveram habilidades de pesquisa, expressão artística e argumentação. Observou-se, sobretudo, um fortalecimento do sentimento de pertencimento e um aumento considerável no interesse pela literatura local. Esses achados corroboram a importância de projetos educativos que não apenas resgatam a história e a cultura, mas também estimulam a criação de novas narrativas e experiências, contribuindo para a construção de futuros alternativos, conforme sugere Krenak (2019).

Dessa forma, a experiência relatada neste artigo se alinha à necessidade de repensar a educação básica a partir de perspectivas mais inclusivas e plurais, promovendo a valorização das epistemologias locais e a formação de sujeitos críticos e engajados com sua própria cultura. Em tempos de colapso e de desafios civilizatórios, iniciativas como essa reafirmam a potência da arte e da literatura como instrumentos de resistência e reconstrução coletiva.

A Cultura da Literatura Baiana

A literatura baiana representa a multiplicidade cultural que compõe a identidade do estado, configurando-se como um espaço vital de resistência, expressão e reinterpretação histórica. Segundo Santiago (2019), a literatura não apenas reflete as condições sociais, mas atua como uma ferramenta fundamental para a construção da identidade coletiva, contribuindo para a preservação da memória cultural e a crítica às desigualdades presentes na sociedade.

No contexto baiano, essa produção literária transita entre a oralidade e a escrita, incorporando as nuances da vida social, as desigualdades históricas e a riqueza das tradições populares, consolidando um olhar crítico e sensível sobre a realidade do povo baiano como uma “grapiunidade”, como constata o autor:

O estudo da literatura enquanto participante na construção de uma memória coletiva ajuda a compreender temas recorrentes em uma determinada sociedade. Uma memória grapiúna, cujo conteúdo compõe-se de textos e imagens — olhares compartilhados sobre “o que foi” — que pautam as vivências nas relações sociais. Entendemos “grapiunidade” como um conceito articulado a partir dos discursos literários, principalmente na obra de Amado e Adonias, em que características da sociedade regional são encontradas em várias das personagens mais conhecidas (Ribeiro, 2014, p. 28).



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

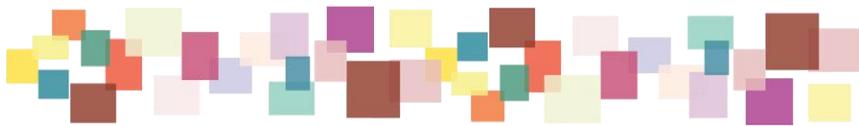
Tratando-se da regionalidade, a literatura baiana, profundamente enraizada na história e cultura do estado, possui na escravidão e na resistência do povo negro um de seus temas centrais. Esse eixo temático reflete a própria formação da Bahia, marcada pela presença de um dos maiores contingentes de africanos escravizados durante o período colonial e imperial, cujas influências são perceptíveis na música, na religiosidade, na culinária e nas manifestações artísticas e literárias (Mahony, 2001).

A escrita tornou-se, ao longo dos séculos, um instrumento essencial para narrar, reinterpretar e ressignificar essa realidade. No contexto literário, a palavra serviu tanto como meio de denúncia das atrocidades da escravidão quanto como forma de valorização das culturas africanas que foram sistematicamente marginalizadas. Escritores baianos utilizaram seus textos para conferir visibilidade às experiências dos negros escravizados e às formas de resistência que surgiram, como os quilombos, as irmandades religiosas e as práticas culturais preservadas.

Um dos expoentes mais emblemáticos dessa vertente literária foi Antônio de Castro Alves (1847-1871), poeta romântico abolicionista que utilizou a poesia como arma política. Em sua obra *Navio Negreiro* (1869), Castro Alves (2004) emprega uma linguagem vibrante e imagética para denunciar os horrores da travessia transatlântica e a brutalidade imposta aos africanos escravizados. O poema, dividido em seis partes, combina lirismo e indignação para sensibilizar o leitor, culminando em um clamor pela liberdade e pela dignidade humana. Seu impacto foi significativo, tornando-se um dos marcos da literatura engajada no Brasil.

Outro autor que nos convida a refletirmos sobre os efeitos da escravidão foi Jorge Amado (2001), que nos apresenta o Pelourinho, localizado no Centro Histórico de Salvador, como um dos espaços urbanos mais emblemáticos do Brasil, carregando um profundo significado histórico, social e cultural. O termo "pelourinho" originalmente designa a coluna de pedra ou madeira instalada em praças públicas durante o período colonial, utilizada para a punição de escravizados e criminosos, como forma de humilhação e repressão (Amado, 2001).

Salvador, fundada em 1549, foi um dos principais portos de entrada de africanos escravizados no Brasil e o Pelourinho se tornou um símbolo da opressão desse período.



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

No entanto, ao longo dos séculos, o local também foi ressignificado pela população negra e tornou-se um polo de resistência, sendo um importante centro de cultura afro-brasileira (Ribeiro, 2014).

Atualmente, o Pelourinho é reconhecido como Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO (1985) devido à sua arquitetura colonial preservada e à riqueza das manifestações culturais, incluindo a capoeira, o candomblé e a música afrobaiana. Sua trajetória reflete as tensões entre memória, identidade e desigualdade social, sendo um espaço que ainda carrega os vestígios do passado escravocrata enquanto se afirma como um território de protagonismo negro e de celebração da cultura baiana.

Amado (2001), cuja produção literária sempre esteve marcada por um olhar sensível às camadas populares, utiliza o Pelourinho como representação tanto da marginalização quanto da riqueza cultural oriunda da mestiçagem e da luta do povo negro por dignidade. Em *Bahia de Todos os Santos: Guia de Ruas e Mistérios* (2012), o autor constrói um retrato multifacetado da cidade de Salvador, mesclando um olhar crítico sobre as mazelas sociais a uma celebração da vibrante cultura popular. O livro, que se insere em um período ainda influenciado pelo engajamento político, alterna entre a denúncia da sordidez e do abandono dos casarões coloniais – testemunhas silenciosas de um passado de dor – e a exaltação da criatividade e da força do povo baiano que ali reside.

Através dessa abordagem, Amado (2012) antecipa debates que se intensificariam nas décadas seguintes, como as discussões sobre preservação do patrimônio histórico e as políticas de valorização da cultura afro-brasileira. Sua escrita, ao mesmo tempo crítica e afetuosa, posiciona a Bahia como um território de lutas e celebrações, onde o legado da escravidão se entrelaça à identidade do povo e se manifesta tanto nas desigualdades persistentes quanto nas manifestações culturais que fazem da cidade um espaço singular no Brasil.

Nesse sentido, Zilberman (2003) destaca que a literatura tem um papel essencial na formação da consciência histórica dos leitores, permitindo que diferentes gerações dialoguem com os eventos do passado e compreendam suas implicações no presente.

Além da literatura, nos inspiramos no cinema de Glauber Rocha (1965), que ocupa um lugar de destaque no cenário cultural baiano, sendo uma das figuras centrais do



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

Cinema Novo, movimento cinematográfico que revolucionou a estética e a narrativa filmica no Brasil. Sua obra transcende os limites do audiovisual ao dialogar profundamente com a literatura, tanto na construção de suas narrativas quanto na crítica social que apresenta. Rocha compreendia o Brasil como uma nação ainda submetida a processos de colonização, mesmo no século XX, destacando que as estruturas de dominação se tornavam cada vez mais sofisticadas e sutis (Carvalho, 2003). Essa percepção fundamenta-se em sua visão crítica acerca da permanência das desigualdades sociais e da reprodução das ideologias colonizadoras.

Um dos exemplos mais emblemáticos de sua cinematografia é o filme *Barravento* (1962), que retrata a vida de uma comunidade de pescadores na praia de Buraquinho – à época, uma área afastada e pouco urbanizada de Salvador. A obra examina as dinâmicas sociais e culturais desse grupo, composto majoritariamente por descendentes de africanos, enfatizando aspectos do cotidiano como a pesca, os rituais do candomblé, as rodas de capoeira e as celebrações ao som do samba. O enredo se estrutura a partir da chegada de Firmino, um ex-morador que, após se mudar para a cidade, retorna à vila com uma perspectiva distinta, gerando tensões internas que se desenrolam ao longo do filme. Esse conflito simboliza o embate entre tradição e modernidade, uma dualidade recorrente tanto no Cinema Novo quanto na literatura baiana.

A Bahia, frequentemente representada sob um viés exótico e paradisíaco, era, para Glauber Rocha (1965), um território marcado por profundas contradições. Enquanto muitos enxergavam o estado como um ícone de exuberância natural e cultural, pronto para ser consumido e admirado globalmente, Rocha argumentava que “[...] o exotismo da cultura negra não passa[va] de uma romântica e alienada posição diante de um grave problema de subdesenvolvimento, físico e mental” (Carvalho, 2003, p. 128). Esse posicionamento reflete a crítica do cineasta à forma como a cultura afro-brasileira era, muitas vezes, estetizada sem um real compromisso com as questões estruturais que permeavam a vida da população negra baiana.

Barravento (1962) é uma obra marcada por essa ambivalência: ao mesmo tempo em que homenageia a cultura popular e as manifestações afro-brasileiras, também apresenta uma crítica incisiva à condição de subalternidade a que essas comunidades



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

eram submetidas. A dualidade entre resistência e alienação, presente no discurso do filme, encontra eco em produções literárias baianas que abordam temáticas semelhantes, revelando um ponto de convergência entre o cinema e a literatura regional.

O Cinema Novo, do qual Rocha (1965) foi um dos principais expoentes, consolidou-se como um movimento de vanguarda que denunciava as desigualdades estruturais do Brasil por meio de uma estética radicalmente inovadora. Suas obras, assim como diversos textos literários, exploram os antagonismos entre opressores e oprimidos, tradição e modernidade, reafirmando a potência da arte como instrumento de crítica social. No contexto educacional, a interseção entre literatura e cinema permite ampliar o repertório cultural dos estudantes, estimulando uma compreensão mais complexa da realidade e evidenciando a importância das múltiplas linguagens artísticas na construção do pensamento crítico.

Além disso, a representatividade na literatura baiana foi um ponto central do projeto, especialmente no que diz respeito à presença de mulheres escritoras. A invisibilização de determinadas narrativas ao longo da história foi um dos desafios enfrentados pelos estudos literários na disciplina de Língua Portuguesa, o que reforça a necessidade de promover vozes que ampliem a diversidade de perspectivas.

Historicamente, a literatura foi dominada por figuras masculinas, tanto na autoria quanto na crítica e na difusão de obras, o que resultou em um apagamento de escritoras e de suas produções. Essa ausência compromete a compreensão integral da identidade cultural de um povo, uma vez que impede a construção de um repertório literário que contemple as múltiplas vozes e experiências que compõem a sociedade. Portanto, dar visibilidade a autoras baianas significa resgatar e legitimar discursos que foram, durante muito tempo, marginalizados.

Nesse contexto, autoras como Myriam Fraga (2008) trouxeram contribuições significativas para a literatura nacional, explorando questões de identidade, território, pertencimento e resistência. Seu trabalho se destacou por problematizar aspectos da condição feminina e por abordar a relação entre memória e ancestralidade na cultura baiana. Ao trazer esses elementos para a sala de aula, buscou-se estimular o respeito à



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

diversidade e valorizar as múltiplas facetas da identidade local, promovendo um olhar mais crítico e sensível por parte dos alunos do Ensino Fundamental I.

Para viabilizar esse estudo, as obras de Fraga (2008) foram trabalhadas em diferentes formatos: leitura compartilhada, discussões coletivas e atividades que relacionavam os temas abordados nos textos com a vivência dos alunos. A literatura foi apresentada como um espaço democrático e plural (Souza, 2002), onde cada indivíduo pode encontrar reflexos de sua própria história e cultura. Mais do que um meio de entretenimento, os textos foram usados como instrumentos de reflexão, permitindo que os estudantes identificassem a presença de narrativas que dialogam com suas realidades e compreendessem a importância de dar voz a perspectivas historicamente silenciadas.

O grande desafio esteve na complexidade desses temas e na necessidade de torná-los acessíveis a crianças de 9 e 10 anos, inserindo-os em uma vivência cultural significativa. Como abordar conceitos como apagamento histórico, identidade e resistência de maneira envolvente e lúdica? Como transformar esse aprendizado em algo que fosse além da teoria e se concretizasse em experiências reais de reconhecimento e valorização cultural? Isso exigiu inovação pedagógica, criatividade e sensibilidade para que a literatura se tornasse um espaço de pertencimento, especialmente para aqueles que foram historicamente silenciados.

No contexto de uma escola privada em Salvador, onde as crianças, majoritariamente baianas, compartilhavam referências culturais comuns — como os cortejos do Ilê Aiyê, o som dos tambores do Olodum, a força das figuras femininas negras nos terreiros e a memória viva dos ancestrais — ainda assim estavam atravessadas por marcadores sociais da diferença. Algumas eram filhas de empregadas domésticas, netas de pessoas que migraram do interior em busca de melhores condições ou viviam em bairros periféricos e enfrentavam, de forma precoce, desigualdades que contrastavam com o espaço escolar que ocupavam.

A introdução de obras literárias que tratavam da resistência de personagens negros, da força das mulheres, da sabedoria ancestral ou da beleza dos corpos não hegemônicos, funcionou como espelho para essas crianças. Ao se reconhecerem em



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

personagens antes ausentes dos livros didáticos, puderam ressignificar a própria imagem e perceber-se como sujeitos históricos.

Nesse sentido, o estudo da literatura baiana se apresenta como uma abordagem essencial para ampliar o repertório cultural dos alunos, estimular o pensamento crítico e fortalecer identidades locais. Ao articular literatura, história e outras expressões artísticas, cria-se uma visão mais ampla sobre as dinâmicas sociais que moldaram a Bahia, reforçando a importância de projetos pedagógicos que integrem conhecimento acadêmico e vivências culturais.

A reflexão sobre a infância e sua potência transformadora é central no ensaio *O coração no ritmo da terra*. Krenak (2022) propõe o retorno às ancestralidades como forma de engajamento cultural e fortalecimento do pertencimento, sugerindo que as crianças, ao se conectarem com suas raízes, ressignificam o mundo ao seu redor. Ele contrapõe essa visão ao ritmo acelerado da contemporaneidade, destacando que a ancestralidade pode atuar como um antídoto contra a ansiedade e a fragmentação do tempo (Krenak, 2022, p. 111). Para ele, a terra não é um elemento a ser higienizado, mas o fundamento dos aprendizados coletivos. Ao afirmar que “as crianças Krenak anseiam por serem antigas” (Krenak, 2022, p. 116), o autor evidencia que esse vínculo com o passado não representa um retrocesso, mas sim um caminho para a construção de um futuro mais autônomo e livre, guiado por uma lógica distinta da visão ocidental dominante.

Esse retorno à ancestralidade, proposto por Krenak (2022) como forma de engajamento cultural e fortalecimento do pertencimento, não se limita à teoria, mas encontra ressonância na prática educativa. Na educação básica, essa conexão com as raízes foi vivenciada por meio de abordagens pedagógicas que integraram literatura, história e expressões artísticas, permitindo que as crianças não apenas conhecessem, mas também experimentassem a riqueza cultural de seus antepassados. Ao resgatar memórias, valores e saberes tradicionais, a escola se tornou um espaço onde a ancestralidade deixou de ser apenas um conceito e passou a ser um caminho real para a construção de identidade e pertencimento.

O Quarto Ano e o engajamento dos valores culturais



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

O projeto foi desenvolvido com uma turma de 10 alunos do quarto ano de uma escola particular de Salvador, Bahia, conhecida por sua proposta pedagógica que valoriza a interdisciplinaridade e o ensino por meio de experiências significativas. A escola, situada em um contexto urbano de ampla diversidade cultural, buscou, com esse evento, aproximar as crianças de suas raízes e fortalecer o sentimento de pertencimento à cultura baiana. Durante cinco meses, os alunos participaram de um processo imersivo que combinou pesquisa, produção artística e apresentações, promovendo o desenvolvimento da leitura, da escrita e da expressão criativa e, com isso, saindo um pouco do ensino tradicional. Por que não vestir paraquedas coloridos? Conforme nos ensina o autor:

Então, talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo de que realmente gostamos é gozar, viver no prazer aqui na Terra. Então, que a gente pare de despistar essa nossa vocação e, em vez de ficar inventando outras parábolas, que a gente se renda a essa principal e não se deixe iludir com o aparato da técnica. Na verdade, a ciência inteira vive subjugada por essa coisa que é a técnica (Krenak, 2019, p. 31).

Desde o início, os alunos foram incentivados a explorar a literatura baiana por meio de atividades lúdicas e colaborativas, tornando o aprendizado envolvente e significativo. A primeira etapa consistiu na leitura e análise de trechos literários de autores baianos, seguida por discussões sobre os contextos históricos e sociais abordados nessas obras. Posteriormente, as crianças foram estimuladas a transpor esse conhecimento para diferentes linguagens artísticas, participando ativamente da criação de materiais que representassem sua compreensão da cultura e da história da Bahia.

A produção textual e dramatização foi um dos eixos centrais do projeto. Baseando-se em autores como Cascudo (2002), compreendemos o folclore como um conjunto de saberes e práticas que atravessam gerações, fortalecendo a identidade cultural e o senso de pertencimento. Nesse sentido, na primeira etapa do projeto, foram selecionados mitos e personagens folclóricos característicos da cultura baiana, como a Mulher de Roxo, uma figura mítica conhecida por assombrar as ruas da cidade à noite, carregando consigo histórias de mistério e advertência; o Caboclo D'Água, um ser aquático presente no imaginário popular dos pescadores e, por fim, o Corpo-Seco, uma entidade amaldiçoada por sua maldade em vida. O estudo desses personagens se deu por meio de leituras,



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

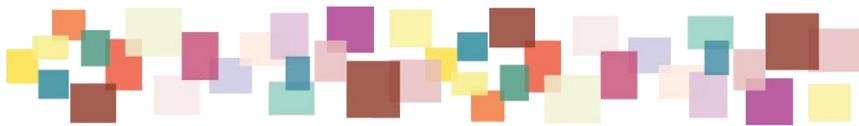
contação de histórias e debates que estimulavam a reflexão dos alunos sobre as origens e significados dessas narrativas.

Uma das etapas centrais da experiência foi a dramatização dos mitos estudados. Os alunos foram incentivados a se caracterizar como os personagens folclóricos, utilizando adereços, vestimentas e maquiagem para incorporar cada entidade. A Mulher de Roxo, por exemplo, foi representada por diversas alunas, que interpretaram suas aparições enigmáticas em corredores escuros da escola, recriando as lendas urbanas contadas por avós e moradores antigos de Salvador. O Caboclo D'Água, por sua vez, ganhou vida por meio de encenações que simulavam os relatos dos pescadores, criando um cenário imersivo que mesclava iluminação e efeitos sonoros para transmitir a atmosfera de suspense.

Além da dramatização, a produção textual foi um dos eixos centrais do projeto, incentivando os alunos a criarem seus próprios poemas e textos narrativos inspirados nos temas estudados. As crianças experimentaram diferentes formas de escrita, expressando suas percepções sobre o folclore, a escravidão e a identidade baiana. A influência da oralidade na construção da literatura baiana foi debatida, permitindo que os estudantes compreendessem a relação entre as histórias tradicionais e a literatura consagrada, como demonstrado no poema de um estudante (apaixonado e identificado pelas histórias do fim da escravidão):

Eu sou filho do mar e do céu azul, de um sol que brilha e nunca se apaga. Minha pele escura é forte e bela, como os guerreiros que vieram antes de mim. Salvador tem batuque no coração, tem axé no pé e fé na mão. É terra de luta, de dança e de riso, onde os tambores falam e a história não se cala. Cada esquina guarda um pedaço do passado, dos avós que dançavam na roda e dos orixás que brilham na lua. Eu sou menino, sou rei, sou tambor. Sou Salvador, sou minha cor (Poema do Estudante Y).

A experiência com o folclore, por meio de atividades como a dramatização e a escrita criativa, teve um papel marcante na construção da identidade dos estudantes, tornando o aprendizado mais engajado e significativo. De acordo com Silva (2016), inserir elementos da cultura popular no ambiente escolar fortalece a compreensão de pertencimento e memória coletiva, aspectos fundamentais para a educação patrimonial. Ao trazer a oralidade e os saberes tradicionais para o centro das práticas pedagógicas, o



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

projeto demonstrou que o folclore não é apenas uma herança do passado, mas uma expressão cultural viva, que continua moldando e enriquecendo a vivência local.

A segunda etapa do projeto consistiu na construção de maquetes, que teve grande potencial pedagógico, especialmente ao representar cenários históricos, como o Pelourinho, os engenhos de açúcar e as senzalas. Essa atividade ofereceu uma forma concreta de visualização de conteúdos abstratos, permitindo que os alunos se envolvessem com temas históricos e culturais, criando uma conexão entre o passado e o presente.

O processo de construção das maquetes envolveu várias etapas que, por si só, foram ricas em aprendizagens. Os alunos pesquisaram e planejaram como representariam os elementos históricos e geográficos do tema proposto. A construção das maquetes tornou-se uma prática colaborativa que exigiu negociação, divisão de tarefas e construção conjunta de conhecimento. Essa dinâmica está alinhada com a teoria de Vygotsky (1991), que defende que o aprendizado ocorre por meio da interação social, e que as ferramentas culturais (neste caso, as maquetes) atuam como mediadoras nesse processo. A produção das maquetes serviu para tornar visível e tangível o conteúdo estudado, permitindo que os alunos refletissem sobre o tema de maneira mais profunda e ativa.

Com base na teoria de Vygotsky (1992), foi possível perceber a atuação da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) nesse processo. Durante a construção das maquetes, os alunos enfrentaram desafios para resolver problemas, tomar decisões sobre a construção dos cenários e discutir as características de cada elemento histórico. Esses desafios, ao serem superados com o auxílio de colegas ou do professor, favoreceram o desenvolvimento de novas habilidades cognitivas e sociais. Esse processo de mediação social foi eficaz para promover a aprendizagem.

A terceira etapa do projeto foi centrada na criação de desenhos e pinturas, tanto abstratas quanto realistas, sobre as obras preferidas dos alunos, especificamente relacionadas a autores ou obras que representassem a Bahia ou que fossem de seu gosto pessoal. Esse momento do projeto teve grande importância, pois proporcionou uma oportunidade para os alunos expressarem suas interpretações artísticas e emocionais, ao



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

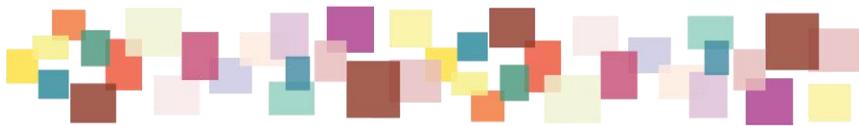
mesmo tempo em que desenvolveram uma conexão mais profunda com as produções culturais baianas e com o contexto histórico e artístico local.

A atividade consistiu em dois momentos: primeiro, os alunos escolheram uma obra de arte de um autor ou um estilo de sua preferência, e em seguida, passaram a criar suas próprias versões dessas obras, com ênfase tanto em abordagens realistas, buscando refletir a obra escolhida de maneira fiel, quanto em interpretações abstratas, nas quais poderiam expressar suas percepções e sentimentos mais pessoais. Ao final, os alunos apresentaram suas produções nas turmas, compartilhando o processo criativo e as escolhas feitas, além de explicar como a obra escolhida se relacionava com suas próprias vivências culturais.

Essa etapa do projeto está fortemente embasada pela importância da arte como um meio de engajamento cultural e reflexão sobre a identidade. A arte não é apenas uma forma de expressão individual, mas também uma maneira de se conectar com contextos culturais, históricos e sociais. Como defende o autor e educador Paulo Freire (1996), a arte tem um poder transformador no processo educativo, pois possibilita a expressão de sentimentos, emoções e críticas que, muitas vezes, não podem ser verbalizadas de outra forma. A partir desse entendimento, a atividade de desenhar e pintar as obras preferidas permitiu que os alunos refletissem sobre sua identidade cultural e social, além de fortalecerem a valorização da arte como um meio de reflexão sobre a realidade.

Além disso, o trabalho com a arte proporcionou aos alunos uma oportunidade única de construir um senso de pertencimento e identidade, uma vez que o processo de escolha das obras e a construção das representações artísticas envolveu uma relação direta com o contexto cultural e histórico da Bahia. Essa conexão com a arte local reforça a ideia de que o conhecimento não deve ser imposto, mas construído de maneira ativa e significativa, como percebido pela fala entusiasmada de uma das alunas: “Deus me livre de não ser baiana!”

A última etapa do projeto envolveu o cinema como forma de expressão e interação. Os alunos, ao se caracterizarem como seus autores baianos preferidos, realizaram um vídeo de entrevista, no qual assumiam a identidade do escritor ou artista escolhido e respondiam a perguntas sobre sua obra, inspirações e o impacto cultural de seu trabalho.



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

Este momento foi uma imersão profunda na cultura baiana, permitindo que as crianças não apenas se conectassem com a história literária local, mas também se envolvessem em uma atividade criativa e reflexiva, que possibilitou o desenvolvimento de competências como expressão oral, pesquisa e interpretação.

Ao se caracterizarem e interpretarem os autores, os alunos puderam explorar de maneira mais concreta as influências e contribuições da Bahia para a literatura e o cinema. O processo de construção das entrevistas e das performances no vídeo também proporcionou uma compreensão mais rica e multifacetada da importância cultural desses artistas, permitindo que os alunos refletissem sobre como esses autores representaram e continuam representando a Bahia no cenário nacional e internacional.

Essa atividade dialoga com as ideias de Albuquerque Júnior (2016), que investiga como a identidade do Nordeste foi moldada ao longo do tempo por discursos que frequentemente reforçam estereótipos sobre a região. Ao envolver os alunos na produção de vídeos sobre seus escritores favoritos, o projeto foi além de uma simples análise da literatura baiana, proporcionando uma experiência concreta para que as crianças se conectassem com a história e a cultura local. O processo de se caracterizar e interpretar esses autores ofereceu uma forma dinâmica e criativa de vivenciar a literatura, aprofundando o reconhecimento do valor histórico e cultural da Bahia.

Além disso, a participação das famílias ao final do projeto, com a apresentação do vídeo, dos painéis, das pinturas e das maquetes, fortaleceu o engajamento da comunidade escolar, criando um espaço de celebração da cultura baiana. Esse momento final foi uma verdadeira vivência cultural, na qual os alunos puderam compartilhar com as famílias o aprendizado que aconteceu ao longo do projeto, transformando a sala de aula em um ambiente vibrante e envolvente de celebração da riqueza cultural da Bahia.

Considerações Finais

Ao refletir sobre os resultados deste projeto, é possível perceber como a escola se configurou como um espaço fundamental para o fortalecimento da identidade cultural dos alunos. Através de atividades que combinaram pesquisa, arte e expressão, conseguimos trazer a literatura baiana para o cotidiano dos estudantes de forma



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

significativa. Ao longo das etapas, os alunos não apenas aprenderam sobre os autores baianos, mas também desenvolveram habilidades importantes, como a capacidade de trabalhar coletivamente, pesquisar, se expressar artisticamente e refletir sobre a história e a cultura de sua região.

A culminância do projeto, com a apresentação dos trabalhos para as famílias, foi um momento de orgulho para todos, evidenciando o engajamento dos alunos com a proposta. Através da construção das maquetes, das pinturas, dos vídeos e das leituras dramatizadas, os estudantes puderam vivenciar e internalizar de maneira concreta a história e a arte baiana, algo que transcendeu o mero aprendizado acadêmico. Como resultado, muitos demonstraram um interesse renovado pela literatura e pelas produções culturais de sua terra.

Esse projeto abriu portas para a continuidade de outras atividades pedagógicas que possam aprofundar ainda mais o vínculo dos alunos com a cultura baiana. O desafio agora é continuar criando experiências que envolvam os estudantes com a riqueza cultural local e, ao mesmo tempo, os preparem para um olhar crítico e criativo sobre o mundo ao seu redor.

Ao final do projeto, um dos alunos, com um brilho no olhar, disse: "Seremos os próximos Jorges Amados da Bahia!" Essa fala, cheia de orgulho e confiança, sintetiza o espírito do projeto: um convite para que as crianças se apropriem da sua cultura, se reconheçam como parte de uma tradição e, quem sabe, deixem sua própria marca no futuro da Bahia.

Referências

Albuquerque Júnior, Durval. Verde sertão, verdes sertões: cinema, fotografia e literatura na construção de outras paisagens nordestinas. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 13, n. 1, 2016.

Amado, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Amado, Jorge. **Bahia de Todos-os-Santos**: guia de ruas e mistérios de Salvador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Alves Castro. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

Aquino, Julio Roberto Groppa. As pedagogias contemporâneas como materialização do corolário neoliberal na educação. **Michel Foucault: a arte neoliberal de governar e a educação**, 2018.

Candido, Antonio. Literatura, espelho da América? **Luso-Brazilian Review**, p. 15-22, 1995.

Carvalho, Maria. **A nova onda baiana: cinema na Bahia 1958/1962**. SciELO-EDUFBA, 2003.

Cascudo, Luís. **Made in Africa**. São Paulo: Global Editora, 2002.

Fraga, Myriam. **Poesia reunida**. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Krenak, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Krenak, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Mahony, Mary Ann. "Instrumentos necessários". Escravidão e posse de escravo no sul da Bahia no séc. XIX (1822-1889). **Afro-Ásia**, n. 25-26, 2001.

MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

Ribeiro, Daniel. Reflexões sobre o conceito e a ocorrência do processo de gentrification no Parque Histórico do Pelourinho, Salvador-BA. **Cadernos Metrópole**, v. 16, p. 461-486, 2014.

Rocha, Glauber. Uma estética da fome. **Revista Civilização Brasileira**, v. 3, n. 7, p. 1-3, 1965.

Santiago, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Recife: Cepe, 2019.

Silva, Rodrigo Manoel Dias da. Educação patrimonial e políticas de escolarização no Brasil. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 2, p. 467-489, 2016.

Souza, Eneida. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

UNESCO. **O Correio**. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 1985.

Vygotsky, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica

Maria Jade Pohl Sanches Fernando Russo Costa do Bomfim

Zilberman, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.

Data de recebimento: 26/03/2025

Data de aceite: 26/06/2025

Como citar este artigo no formato ABNT:

SANCHES, Maria Jade Pohl; BOMFIM, Fernando Russo Costa do. Imersão cultural e literatura baiana: vivências na educação básica. **Áskesis**, São Carlos, v. 14, n. 2, p. 15-32, jul./dez. 2025. DOI: 10.14244/2238-3069.2025/23.